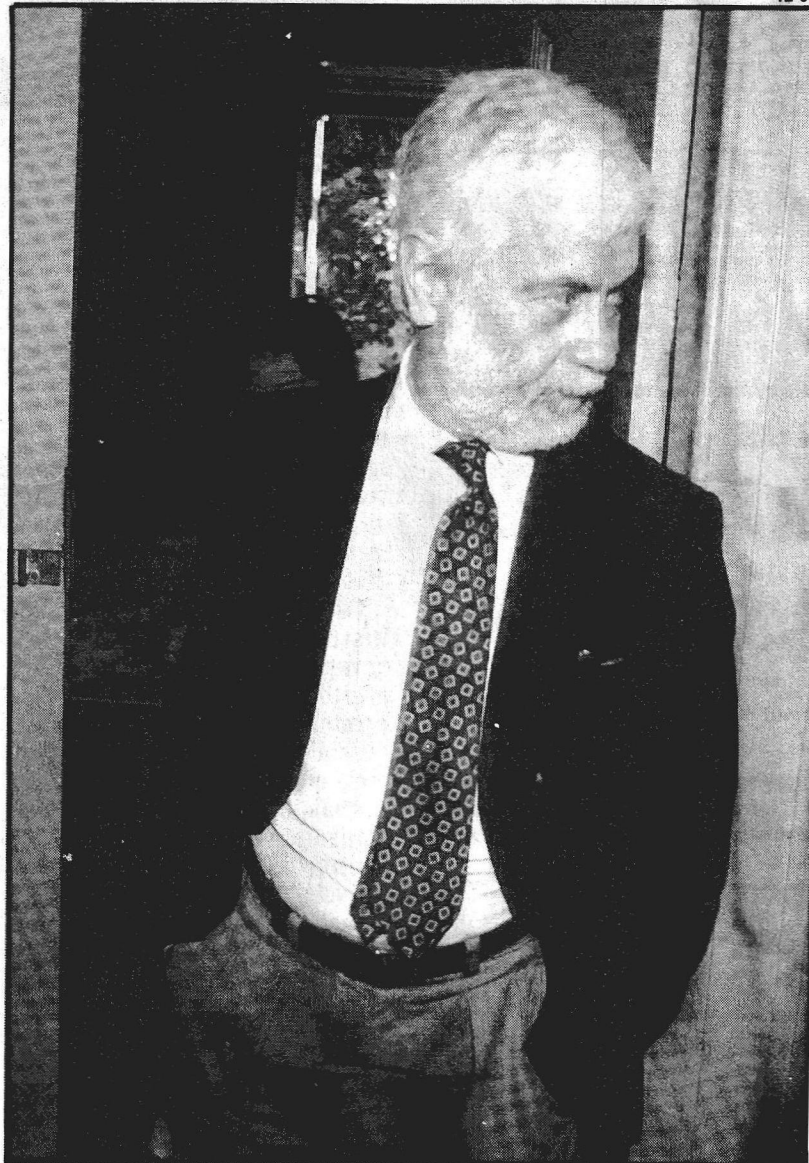


Bacha quer abater dívida interna com reservas

LUIZ NORONHA E JOYCE JANE

12-93



Edmar Bacha: briga por reformas estruturais no Congresso ainda este ano

Para que servem US\$ 40 bilhões no cofre de um país com moeda forte, na qual a população demonstra confiar cada vez mais? O assessor especial do Ministério da Fazenda, Edmar Bacha, tem uma idéia: já que, segundo ele, não há necessidade de manter todo esse dinheiro guardado para ser lastro do real, a proposta é usá-lo para abater a dívida interna do Governo.

Trocando em miúdos, Bacha acredita que as reservas cambiais podem servir para que o Governo recompre das instituições financeiras parte dos títulos que semanalmente vende para rolar a dívida pública, que se criou da necessidade de buscar recursos para financiar seus gastos.

A idéia, vinda de um dos principais articuladores do Plano Real e nome certo no primeiro escalão de um eventual Governo Fernando Henrique Cardoso, ganha ares de projeto e capacidade de criar polêmica. Apesar disso, Bacha — que presidiu o IBGE nos tempos do Cruzado; fundou o departamento de Economia da PUC a partir de uma dissidência da Escola de Pós-Graduação da FGV; cunhou a expressão “Belíndia” como síntese da economia brasileira e foi o artífice do ajuste fiscal, que é um dos pilares de sustentação do real — jura que só quer voltar a dar aulas:

— Estou me preparando para voltar à vida normal. O problema maior é viver na ponte-aérea entre Rio e Brasília, morando em hotel. É muito penoso.

Diante da possibilidade de ser convidado a ficar no Governo após as eleições, o que dependeria da vitória de Fernando Henrique Cardoso, Bacha reage citando Júlio César (“Atravessaremos essa ponte quando chegarmos ao rio”). Mas o horizonte visível a partir de suas análises não é tão curto quanto se poderia esperar de alguém pronto para arrumar gavetas. O empenho

por reformas estruturais é um de seus projetos:

— Gostaríamos de ter lançado o plano com a reforma constitucional feita. Agora, o ministro Ricupero quer retomar esse tema. Ele acha que a partir de outubro isso pode ser feito. Como o segundo turno não vai ter disputa nas ruas, vai ser decidido na televisão, não há motivo para que os parlamentares não compareçam ao Congresso.

Para Bacha, o aumento do funcionalismo — que gerou um ver-

dadeiro cabo-de-guerra dentro do Governo, na semana passada, tendo ele próprio numa das pontas — fazia parte de um ajuste necessário, ainda assim insuficiente:

— Foi o que conseguimos fazer dentro das condições do Tesouro. Está havendo aumento de salários nas empresas privadas há dados da Fiesp mostrando isso, e o funcionalismo ficou muito defasado. Tínhamos que encontrar uma solução.

Satisfeito com os resultados

apresentados até agora pelo plano, Bacha não parece abalado pela perspectiva de enfrentar os fantasmas anunciados para os próximos dias — seja explosão de consumo, fuga de investidores da poupança ou uma inesperada resistência da inflação em alguns setores. Foi com uma cultivada impressão de que mantém tudo sob controle que ele recebeu O GLOBO em seu gabinete, no Ministério da Fazenda, no Rio. A seguir, os principais trechos de sua entrevista.

‘Não há razão para achar que as reservas cambiais são intocáveis’

‘O desafio ao plano é a relutância em aceitar a desindexação’

‘As pessoas gostam do real, estão gostando de reter dinheiro no bolso’

‘Já pensou um Plano Real com o Collor, com aquele estilo imperial?’

‘OS POBRES ESTÃO COMPRANDO MAIS PORQUE...’

■ CÂMBIO — “O mercado financeiro quer sempre ganhar dinheiro em cima do Banco Central. Mas o BC não vai entrar nesse jogo. Nós não queremos também punir as exportações, beneficiar importações de qualquer tipo ou tornar o mercado de capitais brasileiro totalmente sem atrativos para o investidor estrangeiro. Não é isso. Mas intervir no mercado de câmbio, agora, significaria expansão monetária, e nós temos uma meta monetária bastante rígida.”

■ RESERVAS CAMBIAIS — “Não há razão para achar que as reservas são intocáveis. O nível de reservas internacionais que temos hoje é adequado para o momento. Mais na frente, vamos necessitar de menos reservas. Como fazer isso? Não vamos usar as reservas cambiais para construir estrada e nem para pagar pessoal, mas sim para reduzir a dívida interna. A dívida é a contrapartida das reservas. Como as reservas rendem pouco e a dívida interna custa muito, então um movimento simultâneo de queda de reservas e queda da dívida interna ajuda o equilíbrio fiscal, porque diminui a conta de juros do Governo. Simplificando, o que vamos fazer é usar as reservas cambiais para resgatar títulos públicos.”

■ TAXA DE JUROS — “Jamais vamos cair na tentação da taxa de juros negativa. Na transição para o real, quando havia um problema de confiança, a taxa precisava ser mais positiva. Agora, se houver pressão de demanda, os juros precisarão ser mais positivos. Isso é administrar a política monetária.”

■ O PLANO — “O principal desafio ao Plano Real é a relutância dos agentes econômicos em

aceitarem viver num mundo desindexado. Essa batalha tem que ser ganha no dia-a-dia. Precisamos eliminar esse resquício que ainda existe. Estamos querendo administrar o plano evitando os excessos do Plano Cruzado. Mas esse é um plano que vem para resolver problemas, e não para criar problemas.”

■ CRESCIMENTO DO CONSUMO — “O plano não é recessivo, e temos que controlar para evitar aumento exagerado de consumo. Qualquer plano de controle da inflação, que não provoque confisco de aplicações financeiras, trará tendências expansionistas. A tarefa é administrar isso. Mas temos US\$ 40 bilhões de reservas internacionais, a melhor safra agrícola dos últimos tempos, estoques de alimentos de reserva e a indústria está com alguma capacidade ociosa. Como o plano transfere rendas do setor financeiro para as classes mais pobres, ele tem uma tendência de aumentar o consumo. Mas isso é totalmente previsível e administrável.”

■ EXPANSÃO MONETÁRIA — “Há dois níveis em que uma expansão monetária pode ser ruim: quando ela financia o Tesouro e quando é preciso emitir dinheiro para comprar reservas internacionais. Ou ainda quando há expansão para socorrer instituições financeiras. Nada disso está ocorrendo. O aumento da necessidade de moeda, agora, é porque as pessoas estão tendo necessidade de mais dinheiro no bolso. O que percebemos é que as pessoas gostam do real, estão gostando de reter dinheiro no bolso. Os mais pobres estão comprando mais, porque antes o dinheiro deles derretia no bolso. Agora isso não ocorre mais, e eles podem comprar mais. Mas isso já era esperado.”